

## **DO RECONHECIMENTO DA DESIGUALDADE AO EMPODERAMENTO: A LUTA PELA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA HISTÓRIA DAS MULHERES CAMPONESAS ORGANIZADAS NO MUNICÍPIO DE MUTUÍPE- BA.**

Autor (1) Cheirla dos Santos Souza  
Autor (2) Karolina Batista de Souza  
Orientadora (3) Ana Cristina Nascimento Givigi.

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB/ Mestrado Profissional em Educação do Campo.*

[cheirlinha@gmail.com](mailto:cheirlinha@gmail.com)  
[karolinasouza@ymail.com](mailto:karolinasouza@ymail.com)  
[kikigivigi883@hotmail.com](mailto:kikigivigi883@hotmail.com)

### **RESUMO**

O presente trabalho faz parte de um estudo em desenvolvimento que tem como foco a participação de mulheres camponesas organizadas a partir do associativismo comunitário da comunidade de Duas Barras do Fojo município de Mutuípe/BA. Com esse estudo pretendemos analisar como a inserção das mulheres nos espaços organizativos e produtivos tem influenciado no desenvolvimento rural, no crescimento pessoal, social e político dessas mulheres. Historicamente o lugar socialmente construído para as mulheres foi o lar, o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos. Infelizmente nos dias atuais, mesmo diante de um processo de debates e lutas, milhares de mulheres têm que conviver com as desigualdades de gênero e consequentemente com a violência produzida por ela. Com um panorama não diferente, às vezes ainda mais agressivo, as mulheres camponesas convivem diariamente com o peso de uma cultura machista, sexista e patriarcal. Acredita-se que a organização e participação dessas mulheres proporciona a construção de um empoderamento individual e coletiva com significativas repercussões sociais. Os dados foram obtidos a partir de uma abordagem qualitativa, baseada no registro da história de vida de três mulheres camponesas que participaram das ações desenvolvidas pela associação. Os resultados obtidos são indicativos de que as mulheres camponesas que estão organizadas em grupos produtivos (associação) se empoderaram, principalmente no nível do empoderamento individual, mas, também, no nível coletivo e organizacional.

**Palavras-chave:** Mulheres camponesas; empoderamento; organizações sociais.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho faz parte de um estudo em desenvolvimento que tem como foco a participação de mulheres camponesas organizadas a partir do associativismo comunitário na comunidade das Duas Barras do Fojo município de Mutuípe/BA. Com esse estudo pretendemos analisar como a inserção das mulheres nos espaços organizativos e produtivos tem influenciado no desenvolvimento rural, no crescimento pessoal, social e político dessas mulheres. Acredita-se que a participação dessas mulheres proporciona a construção de um empoderamento individual e coletiva com significativas repercussões sociais.

O trabalho desenvolvido pelas mulheres no meio rural nunca teve grande visibilidade, mesmo essas desempenhando papel importante na agricultura familiar, nos canaviais, nas grandes e médias propriedades, na pesca, na ordenha, seu trabalho sempre foi visto como um complemento. Além de desenvolver o trabalho doméstico e cuidar dos filhos muitas camponesas desenvolve o trabalho agrícola, cuidando de seus quintais, cultivando hortaliças, cuidando das flores, pomares, ervas medicinais. Além disso, muitas mulheres trabalham em outras propriedades para complementar a renda familiar.

Historicamente o lugar socialmente construído para as mulheres foi o lar, os trabalhos domésticos, infelizmente nos dias atuais, mesmo diante de um processo de debates e lutas, milhares de mulheres têm que conviver com as desigualdades de gênero. Com um panorama não diferente, às vezes ainda mais agressivo, as mulheres camponesas convivem diariamente com o peso de uma cultura machista, sexista e patriarcal.

Nessas circunstâncias a mulher do campo luta contra o desemprego, a vulnerabilidade, as desigualdades e a exclusão. Como alternativa para o enfrentamento do desemprego e de um mercado de trabalho totalmente excludente muitas mulheres têm encontrado na participação de iniciativas populares de geração de trabalho e renda, baseados no associativismo e nos princípios de cooperação e autogestão, uma forma de obter renda e participação social, uma forma de enfrentamento da precarização e da desigualdade.

Muitas dessas mulheres são capacitadas para buscar projetos e recursos para suas associações, passam a exercer cargos e funções de direção, administração e gestão de recursos como executoras de projetos governamentais de desenvolvimento rural. Essa organização das mulheres vem viabilizando atividades de produção, comercialização, prestação de serviços, com princípios de cooperação, democracia, gestão participativa e economia solidária em busca de melhores condições de vida. O desenvolvimento dessas mulheres representa também o desenvolvimento de suas comunidades.

Apesar da participação crescente das mulheres camponesas nas atividades produtivas e organizativas, elas continuam a enfrentar barreiras para se inserirem no espaço público. Entre os desafios, têm que disputar poder nas relações de gênero em casa e na comunidade, desde o cotidiano até os espaços próprios da política a elas vedados ou apenas parcialmente permitidos ou conquistados.

Esse trabalho justifica-se pelo fato de identificar como as mulheres camponesas tem se organizado, levantando dados e promovendo debates acerca da participação das mulheres. Com o estudo será possível identificar de que forma, e em que medida, vem se processando o empoderamento das mulheres membros de associações produtivas comunitárias. Acredita-se que diante da escassez de registros e de trabalhos desenvolvidos sobre a temática no Vale do Jiquiriçá que esse estudo contribuirá com a identificação das possíveis necessidades de políticas públicas para as mulheres que habitam nesse território.

Considerando que esse estudo não se faz possível sem que nos remeta a discussão das relações de gênero, o mesmo possibilitará examinar as tensões, dificuldades, limites e avanços das mulheres agricultoras na luta por igualdade de oportunidades econômicas, sociais, políticas. Analisar os impactos que o empoderamento traz no âmbito individual, coletivo e organizacional. Segundo (SCOTT, 1995, p. 72). “as feministas começaram a utilizar a palavra gênero mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre sexos”.

## **METODOLOGIA**

O trabalho está ancorado numa perspectiva feminista, através da qual buscamos refletir como se dá o processo de empoderamento das mulheres camponesas organizadas em associação comunitária e que ousam assumir em papéis tidos como incomuns para mulheres, como gerenciar uma associação.

Para desenvolvimento da pesquisa estamos na fase de levantamento bibliográfico dialogando com o conceito de gênero e empoderamento. Inicialmente dialogamos com as visões de Srilatha Batliwala (1994) ao afirmar que o empoderamento é um processo individual e coletivo de questionar as ideologias e as bases das relações de poder patriarcais em vigor. Nesse contexto compreendemos o empoderamento como um processo de construção da autonomia que implica em novas atitudes das mulheres frente a sua família, sua comunidade e a sociedade em geral. Dialogamos também com Magdalena Leon (2001), quando afirma que o processo de empoderamento começa, no caso dos indivíduos, quando eles/as, além de reconhecerem as forças que os oprimem, se mobilizam através de ações coletivas dentro de um processo político, para mudar essa realidade e as relações de poder existentes.

O trabalho será desenvolvido na perspectiva da pesquisa qualitativa, com técnica de grupo focal, e entrevista semiestruturada. No entanto nessa fase da pesquisa foi realizada uma breve entrevista a fim de conhecer a história de vida das mulheres camponesas da associação comunitária para a partir de suas experiências de vida tentar compreender e revelar as relações do universo subjetivo com os fatos das questões sociais que envolvem essas mulheres.

Inicialmente foram entrevistadas três mulheres camponesas que fazem parte da associação de mulheres da comunidade de Duas Barras do Fojo, zona rural do município de Mutuípe – BA, sendo que todas elas participam de todos os processos da associação, desde a plantação até a produção de derivados da mandioca até a etapa de comercialização.

## **LOCUS DA PESQUISA**

Mutuípe está localizado no Sudeste da Bahia, na zona fisiográfica do Recôncavo Sul; se encontra no Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá, possui uma população estimada de 22.917, de acordo com dados obtidos pelo censo demográfico (IBGE, 2010), sendo que 45% da população de habitantes na zona urbana, logo a maioria dos habitantes encontram-se na zona rural. Tem uma área da unidade territorial (km<sup>2</sup>) de 275,830 e faz divisa com diversos municípios: Jiquiriçá, Laje, Ubaíra, Tancredo Neves, Amargosa, Valença, Teolândia. Mutuípe mantém um grande fluxo de pessoas e mercadorias devido às atividades econômicas e áreas de serviços com os municípios, como Amargosa e Santo Antônio de Jesus dos quais dista, respectivamente, 34 e 55Km.

A principal economia do município é a agricultura, sobretudo a monocultura do cacau, no entanto há outras culturas em menor escala como, banana, mandioca, abacate, jaca, laranja entre outras. É um município agraciado com a presença de nascentes e cachoeiras e um bioma de mata verde que infelizmente já se encontra sendo degradado.

Os pequenos proprietários de terra de Mutuípe vendem sua mercadoria para atravessadores ou comercializam na feira livre e parte fica para o consumo da família, nesse sentido a associação das Duas Barras do Fojo foi criada pensando em agregar valores a seus produtos agrícolas e do desejo de conseguir manter-se dignamente no mercado capitalista.

A sustentabilidade econômica do município, hoje, conta com apoio do comércio, que expandiu e supriu a carência de alguns municípios circunvizinhos. A queda de preços nos produtos agrícolas provocou uma emigração de pessoas para a sede do município. Temos ainda um numero consideravel de pessoas que saíram do município deslocando-se para os grandes centros urbanos (São Paulo e Salvador) em busca de melhores condições de trabalho.

## **SUJEITOS DA PESQUISA**

Os sujeitos da presente pesquisa são mulheres residentes na localidade das Duas Barras do Fojo, zona rural do município de Mutuípe que participam da Associação de Mulheres. A associação tem 34 sócios sendo mais de 90% de mulheres, com idade mínima de 25 a 49 anos, e sendo que a maioria dos membros é negra. Todos os membros da associação têm um pequeno lote de terra em

que cultivam hortaliças, frutas, raízes, ervas medicinais e outros. No entanto são propriedades pequenas que nem sempre é suficiente para subsistência da família.

Como produto dessa pesquisa realizaremos a gravação de um vídeo documentário com relatos de histórias de vida das mulheres que fazem parte da associação, de relatos de experiências familiar, comunitária, as relações de poder, de gênero, a luta pela organização, e outras.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

Como parte do resultado dessa pesquisa que encontra-se em desenvolvimento, nos aproximamos inicialmente das mulheres camponesas membros da associação para conhecer um pouco de suas trajetórias de vida. O que pensam da desigualdade de gênero, como convivem com essa questão no seu dia a dia, como tem se organizado para vencer o sistema colonizador que envolve as mulheres.

Apresentaremos nesse trabalho três falas muito significativas que expõem o olhar dessas mulheres camponesas em relação à organização das mulheres, desigualdade de gênero e empoderamento. Utilizaremos nomes fictícios para representá-las (1Margarida, Laudelina e Atiliana).

Em relação à organização, sobre as conquistas através da organização da associação de mulheres, a associada Margarida, respondeu que:

“Bem, como mulher, digo assim de forma individual conquistamos uma autonomia que antes da associação agente não tinha tanto, hoje pouco ou muito nos mulheres temos uma renda e não ficamos tão dependentes assim dos companheiros, que muitas vezes somos nós que colaboramos com as despesas de casa, sem falar nos cursos, feiras, conferências, formações, nós temos a oportunidade de adquirir muitas informações e temos também as capacitações de como organizar a produção, a questão financeira, capital de giro, e outras coisas. **Eu começo falando dessa participação como conquista porque antes agente era só mulheres que cuidava das plantações do quintal de casa e ajudava os maridos no nosso pedacinho de terra, as vezes muitas mulheres da associação dava dia nas roças e via como a mulher é tratada até o dinheiro que ela ganhava era menos que do homem. Hoje não. Hoje a gente percebe que já temos um pouco mais de valorização**, também nos conseguimos através da participação uma mini-fábrica, equipamentos, utensílios diversos, transporte, que é nossa “combi” que tem até a plotagem da associação e como já disse antes adquirimos muito, muito conhecimento.” (Margarida, 2017)

Diante da fala dessa camponesa é inegável não considerarmos que a participação da mulher com parte da renda da família amplia seu poder nas decisões familiares. Ainda que algumas vezes isso represente um conflito, pois essa inversão de papéis que foi socialmente construído é por vezes

dolorosa, sobretudo para o homem habituado a ser o “chefe” da casa. A autonomia financeira sem sombras de dúvidas representa parte de uma autonomia que as mulheres camponesas almejam, diante da situação em que muitas mulheres “sofre privação e nem sequer é capaz de avaliar claramente o seu grau de privação relativa” (SEN, 2004, p. 224).

No entanto como podemos observar na fala de Margarida não é só uma questão financeira que contribui para uma nova visão do papel da mulher, mas a participação social, a oportunidade de estar em espaços de formação e debates que contribuem para esse empoderamento, através de informações, troca de experiências e aquisição de novos conhecimentos.

A sociedade brasileira, sobretudo quando pensamos o meio rural, devido ao seu tipo de colonização e ao sistema patriarcal, instituiu-se por muito tempo como uma estrutura de divisão sexual do trabalho, que fortaleceu a invisibilidade do trabalho da mulher e alimentou a desigualdade de gênero.

Nesse sentido dona Laudelina, mulher camponesa que faz parte do grupo de produção da associação expressa seu olhar sobre o processo de desigualdade de gênero:

“Olha, essa desigualdade de homem e mulher existe desde sempre, agente sabe que as mulheres da roça sofrem muito com essas coisas, a começar pelos próprios pais e maridos, pois se tem desde menina uma criação muito, como que posso dizer... assim, tendo o pai, no caso o homem, como o chefe da casa, aquele que dita às regras, que por mais que a mulher trabalhe na lavoura é ele, o homem, que pega o dinheiro e quem diz no que vai se gastar. A mulher sofre muito com as desigualdades desde a relação marido e mulher, pai e filha, ou irmão que também se sentem superiores as irmãs. A mulher da roça estuda menos, casa cedo, é difícil arrumar trabalho fora de casa ou porque o marido não deixa ou porque não acha e quando acha é pra ganhar bem menos que o homem. Mais já teve tempo pior minha mãe conta cada coisa, ela mesma para participar de alguma organização era com muita briga. Por isso que sempre digo que a associação mudou muito a vida das associadas porque além da renda agente ganha empoderamento, participando da comunidade e da sociedade ativamente, conhecendo nossos direitos e lutando por melhorias na nossa comunidade”. (Laudelina, 2017).

Diante dessa fala fica explícito que a mulher camponesa ainda se encontra em um processo muito doloroso de dominação tanto familiar, quanto social, no entanto é a busca da organização coletiva das mulheres que surge como uma possibilidade de enfrentamento a essa estrutura de dominação socialmente construída. Uma vez que a participação coletiva dessas mulheres em eventos, feiras, exposições, fóruns de discussões lhes permite o acesso a informações, ampliação de seus conhecimentos e trocas de experiências.

Nesse sentido as mulheres camponesas entendem que precisam se empoderar para si e para o coletivo, porque é na luta coletiva que as estruturas são modificadas.

Sobre o empoderamento , Atiliana ressalta que;

“Ultimamente essa palavra tem sido muito usada e agente da associação gosta muito dela, porque agente tem consciência que agente ainda tem muita coisa para conquistar, que ainda vamos sofrer muito preconceito por ser mulher, mas agente agora tem o conhecimento, digo assim entre aspas né, porque ainda tem muito conhecimento que a gente precisa adquirir. Digo assim porque hoje mesmo quem não tem estudo, assim, em relação a ter frequentado escola, sabe da importância do seu papel, sabe que é capaz de participar, de dizer o que quer e tudo isso graças à associação e aos cursos que agente toma, as feiras e eventos que agente participa, mas agente pensa que essa é uma luta de todos não é de uma pessoa só”. (vice-presidente da associação, 2017).

O empoderamento é defendido pelas mulheres como uma ação coletiva, que tem que envolver um grupo. Nesse sentido a associação de mulheres vivenciam um processo de empoderamento coletivo e organizacional, na tentativa de se emanciparem e de fato serem protagonistas de suas histórias. Esse grupo de mulheres vem vivenciando uma ação coletiva transformando suas vidas e também de sua comunidade.

Para HOROCHOVISKI e MEIRELLES (2007)

[...] empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão [...] sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas (Horochoviski e Meirelles, 2007, p. 486).

De acordo com Horochoviski e Meirelles (2007) o empoderamento se dá através de recursos que permitem que as pessoas e organizações tenham voz, nesse sentido para a associação um importante recurso é o reconhecimento das desigualdades, pois é através dessa consciência que as mulheres camponesas reconhecem a necessidade da luta, da organização da participação social e do empoderamento.

Em relação às políticas públicas que ainda faltam na comunidade para um maior desenvolvimento local, uma associada que participa da produção respondeu que:

“A associação já trouxe muitos benefícios para nossa comunidade, mas ainda precisamos de mais benefícios, porque quem mora na roça precisa de estradas boas, de saúde de qualidade, educação porque é uma luta para garantir que as coisas venham para a escola do campo assim como chega para a escola da cidade. Agente precisa de segurança também porque a violência no campo tá cada dia maior, quem mora no campo precisa de assistência técnica, de cursos de piscicultura, de cuidados com o solo, **políticas de incentivo para que a gente continue no campo vivendo e trabalhando.** (Flor, Mutuípe, 2017)”.

A luta das mulheres e da associação é constante, tendo em vista que para um desenvolvimento local é necessário políticas públicas advindas das esferas federal, estadual e municipal. No entanto essas mulheres seguem lutando pelo seu objetivo de viver bem e viver no campo, plantando, colhendo, comercializando, participando e fazendo historia.

## **CONCLUSÕES INICIAIS**

A pesquisa ainda em andamento aponta para uma serie de questões a serem amadurecidas, pesquisadas e problematizadas, no entanto até aqui a pesquisa aponta algumas respostas iniciais significantes. A pesar da participação da associação de mulheres das Duas barras do Fôjo no município de Mutuípe – BA ser bastante atuante nos espaços sociais essa não é uma realidade do município em geral, pois na maioria das comunidades camponesas a participação feminina nos espaços públicos comunitários ainda é muito tímida.

Essas iniciativas, referenciadas no chamado campo da Economia Solidária, são fomentadas, em sua maioria, como alternativas de geração de renda, oportunidade de trabalho e inclusão, no entanto para muitas mulheres essa inserção representa muito mais que a geração de renda. Representa o desejo de superar as desigualdades que se materializam no cotidiano das relações, uma oportunidade de obterem visibilidade social, de participação em diversos espaços, autonomia financeira e empoderamento.

Devemos considerar que a associação de mulheres é uma organização que se encontra no plano local, porem suas lutam devem se articular em rede territorial, estadual e federal para assim buscar a superação das dificuldades através de políticas públicas de desenvolvimento e participação social.

A pesquisa aponta que há sim um empoderamento dessas mulheres, os resultados obtidos são indicativos de que as mulheres camponesas que estão organizadas em grupos produtivos (associação) se empoderaram, principalmente no nível do empoderamento individual, mas, também, no nível coletivo e organizacional.

## **REFERÊNCIAS:**

BATLIWALA, Srilatha. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: SEN, Gita; GERMAIN, Adrienne; CHEN, Lincoln C. (Ed.). Population policies reconsidered: health, empowerment and rights. Boston: Harvard University Press, 1994.

SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo, Companhia das Letras, 4ª ed., 2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.



HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi e MEIRELLES, Gieselle. Problematizando o conceito de empoderamento. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, UFSC, Florianópolis, Brasil. 2007. p. 485-506.